



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre
<b>Título</b>	A Entrevista na Pesquisa-Intervenção: produção de análises e sentidos para oficinas na Saúde
<b>Autor</b>	GUILLERMO FALAVIGNA CRACCO PAIVA
<b>Orientador</b>	ROSEMARIE GARTNER TSCHIEDEL

O Projeto de Pesquisa “Dispositivos Coletivos e Oficinas Tecnológicas com Crianças e Adolescentes: Linguagens Da Cidadania” tem como objetivo identificar quais as concepções de cidadania das crianças e adolescentes e como a vivência em oficinas e a utilização de TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) propiciam novos saberes e práticas a partir dos Encontros entre os participantes da oficina, a fim de possibilitar a criação de intervenções com a infância e adolescência na atenção primária em saúde (APS). A intervenção dava-se através da realização de oficinas, desenvolvidas semanalmente em uma Unidade de Saúde da Família (USF) no território da região da Lomba do Pinheiro/Partenon no município de Porto Alegre. Nestas estiveram presentes bolsistas, um profissional de saúde vinculado à USF e à região e cerca de quinze crianças e adolescentes moradores da área de abrangência do serviço. O estudo foi realizado nesta mesma comunidade por quase três anos, sendo conhecido pelos habitantes do território. Sabe-se da importância da Política Nacional de Saúde (2010) nesse contexto, com ênfase especial para alguns de seus objetivos, como a ampliação da autonomia e co-responsabilidade de sujeitos e coletividades no cuidado integral à saúde, a minimização e/ou extinção das desigualdades de toda e qualquer ordem e a valorização e otimização do uso dos espaços públicos de convivência e de produção de saúde para o desenvolvimento das ações de promoção da saúde. Em consonância com tais objetivos, justifica-se este trabalho que visa, também, acrescentar conhecimentos teórico-práticos para a atuação de profissionais na rede de saúde, potencializar a construção de tecnologias de si e processos de cognição inventiva a partir de dispositivos grupais com crianças e adolescentes. A oficina é concebida como espaço de aprendizagem e também de trabalho (KASTRUP, 2009).

Nesse momento da pesquisa, considera-se imperativa a criação de um espaço de escuta para compreender o que estas crianças, adolescentes, pais e trabalhadores da Unidade têm a dizer a respeito da construção das oficinas. Dessa maneira, estamos realizando entrevistas, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo objetivo é acessar o plano da experiência coletiva. As entrevistas estão de acordo com as premissas do método de pesquisa, qual seja: a pesquisa-intervenção. Ao pesquisar busca-se a desinstalação, a desinstitucionalização e a produção de novos sentidos que possam emergir dos próprios coletivos e agentes em questão. A utilização de entrevistas se propõe a compreender algumas questões que surgiram ao longo das Oficinas, tais como: a que se propunham as Oficinas? De que maneira ocorreu esse trabalho? Em que pontos foi possível potencializar uma conversa aberta à multiplicação de sentidos acerca do que é a Cidadania? As Oficinas auxiliaram na criação de estratégias de cuidado em saúde para estes jovens?

Após análise e discussões sobre os registros (fotografias, filmagens) e os diários de campo dos pesquisadores e em função do esvaziamento das Oficinas, optou-se pelo recurso da entrevista para uma análise acerca desse movimento. Acredita-se que os narradores dessa produção devam ser os próprios participantes das oficinas, ou seja, as crianças e adolescentes que a construíram, semana após semana. Juntar-se-ão a eles, também, os pais e profissionais da saúde envolvidos, com vistas a elaborar um panorama mais completo do contexto da pesquisa, que parece ter servido à construção de um espaço diferenciado onde estas crianças e adolescentes tinham a oportunidade de pensar outras formas de vivenciar seu próprio território, sua própria saúde. O tema do presente trabalho é, dessa maneira, resultado de uma necessidade surgida no campo empírico, que demandava uma nova abordagem, entendida aqui como um dispositivo que não elicia um relato preexistente, mas que atua, produz, modula o processo do dizer do entrevistado e que viabiliza a produção de novos sentidos. Assim, pode-se dizer que a entrevista não é um procedimento para coleta de dados, mas sim para a “colheita” de relatos que ela mesma cultiva (TEDESCO, SADE & CALIMAN, 2013).